

Disposição nas orações: um olhar retórico por preces históricas cristãs

Eber José dos Santos

Joelma Batista dos Santos Ribeiro

Ser orante, antes de ser orador

Agostinho de Hipona¹

Considerações iniciais

A linguagem é um importante instrumento de comunicação e, neste seu papel tão essencial à humanidade, designa, por meio de seus discursos, múltiplas possibilidades de interação. É nesse sentido que nos dedicamos à investigação da disposição retórica das preces, práticas comuns às religiões, uma vez que são elas o meio pelo qual o indivíduo busca se conectar com a sua divindade. A própria palavra religião no latim, *religare*, significa voltar a ligar, sugere conectar o ser humano a Deus, ao sagrado, ato oriundo da fé. Diante disso, portanto, vale ressaltar que, segundo Karnal (2018)², a fé, elemento subjetivo, é pessoal, fruto de uma convicção do indivíduo; ao passo que a religião é coletiva e pressupõe a junção de pessoas que têm fé em uma mesma entidade, por isso cultuam juntos e estabelecem cerimoniais e dogmas. A oração ocorre nessa dinâmica, dessa forma, configura-se um discurso religioso, o qual manifesta a fé e a busca da conexão com o sagrado.

É, pois, sobre a composição do discurso das orações cristãs que nos ocupamos neste capítulo, com a finalidade de analisar como se dá a sua construção, especificamente a disposição. Para esse fim, tomamos como base teórica os estudos de Quintiliano (2016 [35 d.C. - 95 d.C.]) na sua *Instituição Oratória*, Livro VII,

1 Agostinho, 2002, p. 238.

2 Karnal, Leandro. Religião #1 Em busca de sentido. In: Prazer, Karnal. [19 ago. 2018]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CztqsoWZOQU&t=3s>. Acesso em: 02 jun. 2020. YouTube Canal.

capítulo 10; Reboul (2000); Corbett e Connors (2022) e, nos aplicamos à análise das seguintes orações cristãs: o *Pai Nosso*, registrada entre 70 e 90 d.C. nos evangelhos de São Mateus e São Lucas; a *Oração antes do Estudo*, de Tomás de Aquino (1225 – 1274), importante referência da filosofia escolástica; a *Oração da Noite*, de Martin Lutero (1483 - 1546), reformador protestante; e a *Mansidão, doçura e resignação*, de John Wesley (1703-1791), fundador do Metodismo.

Salientamos que, para analisarmos as particularidades da disposição nas orações, será necessário compreendermos algumas questões que as contextualizam como: seus oradores, momento histórico em que foram registradas e, em determinadas preces, o auditório. Por isso, o presente capítulo evidencia que, diferentemente de vários discursos que carregam uma disposição convencional e, por vezes, rígida, nas preces cristãs, essa organização é mais fluida e se espelha, em alguns aspectos, à oração modelo do cristianismo, que é a *Oração do Pai Nosso*.

Algumas incursões teóricas

A propósito, a que se refere o termo disposição? Brevemente, a disposição (do grego *taxis* e do latim *dispositio*) refere-se ao plano do discurso³, à ordem em que aparecerão os argumentos levantados e avaliados na etapa da invenção. Nas palavras de Corbett e Connors (2022), a retórica clássica considerava a disposição uma tarefa que visava mais do que colocar em ordem, consistia em executar essa ação de “forma estratégica” ou, conforme ensinava a teoria aristotélica, empreender uma adaptação dos meios para um fim. Reticamente, então, o orador, como em uma partitura, escolhe o melhor arranjo para causar o efeito persuasivo pretendido em seu auditório. Para isso, retores propuseram em seus estudos divisões dos discursos que variam, basicamente, entre cinco e sete partes que, na perspectiva mais clássica da Retórica, são estabelecidas em quatro partes: exórdio, narração, confirmação e peroração⁴.

Isso posto, tem-se que a primeira parte da disposição, no latim, pode ser chamada de *exordium* que significa “iniciar uma teia”, montar uma trama, dispor uma urdidura⁵. Essa parte tem a função de informar e/ou preparar o auditório para o discurso. Corbett e Connors (2022) reconhecem que em alguns discursos o exórdio é dispensável, nas preces cristãs, no entanto, essa parte da disposição é presente e possui a função laudatória de introduzir o indivíduo em uma conexão de fé com Deus. Assim, como a peroração, parte também fixa, encerra o discurso da prece ao rogar por proteção, provisão e/ ou sucesso.

3 Reboul, 2000.

4 Reboul, 2000.

5 Corbett e Connors, 2022.

Pai Nosso: Ensina-nos a orar – A oração de Jesus

A oração do *Pai Nosso*, no evangelho de Mateus⁶, é proferida durante o *Sermão da Montanha*, quando Jesus se dirige aos seus discípulos e diz: “Portanto, orai dessa maneira:” e, assim, faz a oração. O registro no evangelho de Lucas, discurso que optamos por analisar, é precedido ao pedido de um discípulo:

Estando em certo lugar, orando, ao terminar, um de seus discípulos pediu-lhe: “Senhor, ensina-nos a orar, como João ensinou a seus discípulos”. Respondeu-lhe [Jesus]: “Quando orardes, dizei:
Pai, santificado seja o teu Nome;
Venha o teu Reino;
O pão nosso cotidiano dá-nos a cada dia;
Perdoa-nos os nossos pecados,
Pois também nós perdoamos aos nossos devedores;
E não nos deixeis cair na tentação⁷.”

Ambos os registros evangélicos trazem a natureza didática da oração, dessa forma, Jesus desempenha, primeiramente, a tarefa do orador de instruir (*docere*), mas também, de agradar (*delectare*) e de comover (*flectere*)⁸, pois, conforme ensina a prece, desperta a docilidade e as paixões no auditório.

Lucas, o hagiógrafo do terceiro evangelho, não foi testemunha ocular de Jesus, mas segundo afirma logo no início do seu texto, foi depois de apurada pesquisa que o escreveu⁹. Anteriormente, fora companheiro do apóstolo Paulo, com quem realizou viagens para expansão do cristianismo, fato que oportunizara o seu contato com pessoas que haviam convivido com Jesus. De acordo com Lancellotti e Boccali (1983), esse fato foi o que fez o evangelho que leva o seu nome ter maior riqueza de detalhes do que os demais. O evangelista era natural de Antioquia da Síria, onde, provavelmente, converteu-se ao cristianismo; conheceu o apóstolo Paulo, e tornou-se seu colaborador e companheiro¹⁰. Falava o grego, era médico e o único escritor do Novo Testamento gentio¹¹.

Estudiosos dos textos lucanos¹², citados por Morris (2007), observam que a perspicácia com que o evangelista escreveu o terceiro evangelho revelou sua cultura e excelente formação helenística. O prólogo¹³ é redigido em grego clássico e os dois

6 Mateus 6,5-14 (Bíblia, 2006).

7 Lucas 11,1-4 (Bíblia, 2006).

8 Agostinho, 2002.

9 Lucas 1,1-4 (Bíblia, 2006).

10 Lancellotti e Boccali, 1983.

11 Pfeiffer, Vos e Rea, 2006; Morris, 2007.

12 Morris, 2007.

13 Morris, 2007.

primeiros capítulos revelam a sua influência hebraica. No restante do evangelho, é utilizado um grego helenístico que se aproxima da tradução da septuaginta¹⁴, muito considerada pela sua acuidade. Segundo Stuhlmueller (1975), é Lucas quem introduz o cristianismo no mundo das letras, devido ao seu apurado trabalho de escrita.

A oração do *Pai Nosso* lucana inicia com um vocativo e um pedido: “Pai, santificado seja o teu Nome;”. Para o auditório do hagiógrafo Lucas, os não judeus¹⁵, dirigir-se a Deus por pai poderia soar estranho, descontextualizado ou inusitado, haja vista que, nas religiões não cristãs da época, naquela região influenciada pela cultura greco-latina, as entidades religiosas eram entendidas como um poder, uma força, um criador, não uma figura pessoal e próxima a um pai. A relação paternal mais próxima de suas religiões eram os semideuses, os filhos dos deuses com humanos.

Desse modo, dirigir-se a Deus como pai, consiste em uma grande revolução mental capaz de despertar no auditório o senso inédito de ligação filial com a entidade com a qual busca conexão por meio da oração; em outras palavras, o vocativo presente no exórdio desperta a docilidade daquele auditório imediato de Jesus e, principalmente, do auditório do hagiógrafo Lucas. No evangelho de Mateus, que é dirigido aos judeus, há na oração o registro do pronome possessivo “nosso” que acompanha pai: *Pai nosso*. Talvez isso ocorra porque, para o povo judeu, auditório do evangelista Mateus, fazia parte da sua cultura religiosa vislumbrar a figura de Deus como um pai e, assim, estranho seria não se dirigir dessa forma no exórdio da oração.

Depois do vocativo, a sentença que aparece nas traduções em língua portuguesa está no imperativo “santificado seja o teu Nome”, no original, no entanto, é registrada como futuro, uma vez que no hebraico e no aramaico não há o modo subjuntivo. Então, a tradução literal para o português ficaria, segundo Haddad (2017), semelhante a “Certamente, Teu nome será santificado”¹⁶. Esse pedido está revestido de profundo significado, pois a santidade ligada à cultura religiosa cristã e judaica está relacionada à separação¹⁷, à exclusividade, ou seja, à extinção de quaisquer outras formas de idolatria ou ligação com outra manifestação religiosa. Nessa perspectiva, ao declarar essa parte do exórdio, o fiel compromete-se com aquele a quem dirige sua prece, com o seu Deus. Assim, o exórdio leva-o ao estabelecimento da comunhão e

14 Septuaginta ou tradução dos setenta é o nome dado à primeira tradução do Antigo Testamento para o grego, realizada em Alexandria, em III a.C., por setenta rabinos (Pfeiffer, Vos e Rea, 2006, p. 1993).

15 O exórdio do Evangelho de Lucas menciona que o evangelista o escreve para o “Ilustre” ou, dependendo da tradução, para o “Excelentíssimo Teófilo”. Estudiosos dos escritos lucanos, como Carson, Moo e Morris (1997) e Morris (2007), acreditam que Teófilo, provavelmente, é uma autoridade e o mecenas do hagiógrafo. Esse fato justificaria a utilização do pronome de tratamento endereçado apenas para autoridades, como governadores. Por outro lado, lembram os autores que Teófilo é um nome grego sem registro histórico paralelo ao evangelho, que significa “amigo de Deus”. Esse nome sugere a possibilidade de que o auditório de Lucas seja, na verdade, o coletivo dos povos gentílicos, os não judeus.

16 Haddad, 2017, p. 70.

17 Haddad, 2017, p. 70.

ao comprometimento com seu Deus e tem despertada a sua docilidade para, dessa maneira, acatar a oração que está sendo ensinada.

Após o exórdio da oração, há uma sequência de petições as quais formam o arcabouço argumentativo. No entanto, a oração do *Pai nosso* no evangelho de Lucas e no de Mateus não obedece a uma disposição canônica como os discursos do gênero judiciário, por exemplo, antes estabelece uma progressão de súplicas a Deus. Quintiliano (35 d.C. - 95 d.C.), retor da retórica latina, ao instruir sobre as partes da disposição ressalta:

(...) não há apenas a ordenação das partes: nas mesmas existe um certo primeiro sentido, um segundo e um terceiro; é necessário cuidar que não só **sejam postos em ordem, mas que sejam relacionados entre si e de tal modo entrelaçados que não permitam entrever as junturas**; que seja um corpo, não junturas de membros¹⁸.

Na perspectiva de Quintiliano (2016) sobre o corpo discursivo, a oração do *Pai Nosso* apresenta sua organização alicerçada na progressão da construção do sentido, à medida que as petições são realizadas, dessa forma, o caráter de Deus é dado a conhecer por meio da revelação de sua ciência sobre as necessidades dos fiéis.

Primeiramente, em “Venha o teu reino”, expressa na continuidade do exórdio, a posição de Deus como pai passa para a de realeza, pois tem um reino no qual o fiel deseja que seja estabelecido com suas leis e sob seu comando. Assim, até o início do desenvolvimento da oração, a perspectiva é colocada em Deus: “Pai, santificado seja o teu Nome; Venha o teu Reino”¹⁹; os pronomes possessivos na segunda pessoa fazem a atenção daquele que pronuncia a oração, o orante, voltar-se para o alto, para Deus: “teu nome” e “teu reino”.

Na medida em que a oração prossegue, a atenção é colocada na necessidade terrena do fiel: “O pão nosso cotidiano dá-nos a cada dia”. O pedido pela subsistência humana, a ausência da fome, é feito na primeira pessoa do plural. No contexto de Jesus como o orador, é importante acentuar que ele se inclui na petição, ou seja, identifica-se com o fiel na necessidade terrena de pão, ao mesmo tempo em que ensina a pedir pelo grupo, por todos, sem egoísmo ou individualidade. A construção do sentimento de coletividade é acentuada na prece.

Depois das petições serem direcionadas para o alto, Deus, para a necessidade terrena, o pão, voltam-se para o relacionamento do orante para o seu Deus: “Perdoa-nos os nossos pecados” com o complemento “Pois também nós perdoamos aos nossos devedores”. Ao pedir perdão, o pecador se reconhece falho e, ao mesmo tempo, admite o poder de Deus em perdoá-lo, assim estabelece uma relação vertical para com Deus baseada na confiança e na fé. Mas, também, vê o impasse da recíproca

18 Quintiliano, 2016, p. 179 (grifo nosso).

19 Lucas 11,2 (Bíblia, 2006).

do perdão: ser perdoado e ser perdoador. A relação condicional do perdão terreno é colocada como o complemento do processo de perdão celestial.

No evangelho de Lucas, a última sentença da oração: “E não nos deixeis cair na tentação”, remete ao verso 13 do capítulo 6 do evangelho de Mateus: “E não nos submetais a tentação, mas livra-nos do Maligno”. É na peroração da oração que o orante olha para aquilo que o cerca e pode afastá-lo da conexão com sua divindade: a tentação, o mal e o maligno.

A oração ensinada por Jesus não traz uma disposição retórica com narração, refutação e demais partes dos discursos que têm a natureza do embate como os discursos judiciais. Antes, sua disposição revela-se estritamente atrelada à temática do discurso que objetiva ensinar a dirigir-se a Deus para demonstrar devoção e petição. Para isso, em tom laudatório apresenta um exórdio de exaltação, um desenvolvimento que manifesta a confiança que o onipotente providenciará as necessidades e um desfecho que mostra o desejo do orante em permanecer próximo de Deus e afastado do mal.

Criador: ajuda-me a estudar – A oração de Tomás de Aquino

Dentre os expoentes da Escolástica²⁰, teve proeminência Tomás de Aquino. Nascido em 1225, no Condado de Aquino, no Reino da Sicília, Itália, iniciou sua vida monástica com cinco anos, quando aprendeu a ler e a escrever. Aos 14, foi estudar artes e filosofia em Nápoles e, aos 19, integrou-se à Ordem Dominicana, o que contrariou sua família. Durante sua vida, dedicou-se à oração, à leitura das Escrituras e ao estudo de filósofos como Aristóteles (384 a.C. - 322 a.C.)²¹. Por meio da oração, fortaleceu a fé e a razão e seus escritos foram sustentados por essas duas concepções, de certo modo antagônicas, mas que o Mestre provou coexistirem em harmonia. Em outras palavras, conseguiu distinguir fé e saber e unir a fidelidade à Igreja com a investigação científica, por acreditar que ambas eram criações de Deus²².

De 1245 a 1248, viveu em Paris, onde aprofundou os estudos de filosofia e iniciou os de teologia, cujo tutor foi Alberto Magno. Como teólogo, lecionou e ocupou importantes cargos religiosos. Faleceu em 7 de março de 1274, com 49 anos de

20 A Escolástica foi mais que uma filosofia cristã medieval. Era uma forma de os homens do medievo se explicarem. Fundamentava-se na Antiguidade, nos Padres da Igreja e, sobretudo, nas escolas: primeiro, as monásticas; depois, as palacianas, as citadinas e as laicas do século XII e, por fim, as Universidades, no século XIII, quando se tornou um método. Assim, foram as escolas que elaboraram e formularam a filosofia cristã na medievalidade, a qual se ancorava na produção do saber das coisas divinas mescladas às humanas e naturais. Em seus ensinamentos, valorizavam a vida terrena e reconheciam a sobrenatural, ou seja, o homem, após a morte, teria um destino feliz ou infeliz. Em suma, essa vertente filosófica caracterizou-se como uma forma nova de pensar da sociedade, desde o cidadão mais humilde ao mais letrado, durante toda a Idade Média (Oliveira, 2013).

21 Faitanin, 2011.

22 Manser, 1947.

idade. Durante sua vida, publicou diversos escritos. Dentre os mais célebres estão a *Suma Teológica*, sua principal obra, de cunho pedagógico, que objetivou ensinar o espírito do conhecimento cristão e os *Comentários a Aristóteles* de diversos livros como *Física*, *Metafísica* e *Ética a Nicômaco*.

Nesse sentido, sua filosofia, reconhecida como tomismo, pautou-se no aristotelismo em oposição ao platonismo. Apregou sobre a verdade, pois o Doutor Angélico acreditava piamente que conhecê-la, compreendê-la, amá-la, render-lhe homenagem era uma forma de honrar a Deus, afinal, a verdade era em si o maior bem supremo, na visão de Aquino²³.

Essencialmente, o tomismo, em seu eixo condutor, herdou de Aristóteles a doutrina do ato e da potência, de seu livro *Metafísica*, no qual o estagirita diz que a potência, em seu sentido lato, é aquilo que tem capacidade de passar ao ato (ex.: o construtor que tem a capacidade de construir)²⁴. Assim, em seus postulados, o Aquinate se valeu desses dois princípios aristotélicos para tratar da harmonia entre fé e saber, mundo espiritual e sensível, objeto e sujeito do conhecimento, entendimento e força de vontade, multiplicidade e unidade nas coisas cósmicas²⁵. *Oração antes do Estudo*, de Tomás Aquino, revela essa dedicação acadêmica e a influência dos seus estudos na sua atitude devocional, conforme se pode observar a seguir:

Criador de todas as coisas,
verdadeira Fonte de luz e sabedoria,
origem sublime de todo ser,
permita graciosamente que um raio de Seu brilho
penetre na escuridão de meu entendimento
e tire de mim a dupla escuridão
em que nasci,
uma obscuridade de pecado e ignorância.
Dê-me um senso aguçado de compreensão,
uma memória retentiva,
e a capacidade de entender as coisas correta e fundamentalmente.
Conceda-me o talento de ser exato em minhas explicações,
e a capacidade de me expressar com rigor e charme.
Aponte o início,
oriente o progresso,
e ajude na conclusão;
por Cristo, nosso Senhor.
Amém²⁶.

23 Manser, 1947.

24 Aristóteles, 2002.

25 Manser, 1947.

26 Archdiocese of Saint Paul and Minneapolis Catholic Center, 2012. Disponível em: <https://www.archspm.org/faith-and-discipleship/prayer/catholic-prayers/st-thomas-aquinas-prayer-before-study/>. Acesso em: 14 jul. 2023.

Sob o viés retórico da disposição, assim como na oração do *Pai Nosso*, o exórdio desta prece aquiniana exalta a divindade celestial, no entanto, o faz atribuindo-lhe a primazia sobre todas as coisas e seres, pois é o criador e a fonte de luz e sabedoria. Apesar de não fazer a menção de Deus como pai, a sua onipotência é colocada como capaz de suprir as necessidades humanas, uma vez que tudo é oriundo Dele. Dessa forma, o exórdio estabelece, melhor, relembra o grau e o tipo de relacionamento do orante com Aquele no qual deposita suas orações. É nesta etapa da disposição que um acordo é rememorado e é, assim, estabelecida a hierarquia baseada na fé que estabelece Deus como soberano, e o fiel dependente dele.

Portanto, ao dignificar a entidade a que dirige a prece, o orante, humilde e respeitosamente, submete-se e inicia a narrar uma sequência de petições. A temática da oração de Aquino consiste no rogo do orante por seu processo de aprendizagem “Dê-me o senso aguçado de compreensão, /uma memória retentiva, /e a capacidade de entender as coisas correta e fundamentalmente” e, também, de ensino “Concede-me o talento de ser exato nas minhas explicações”. É importante ressaltar que o processo descrito na sua petição reflete o processo da retórica de elaboração do discurso, ou seja, o orador utiliza as cinco partes do sistema retórico: invenção, disposição, elocução, ação e memória.

Assim, na oração, intercede pelo processo de *invenção*, ao pedir que “um raio de Seu brilho penetre na escuridão de meu entendimento”; pela *disposição*, ao mencionar o quanto deseja “um senso aguçado de compreensão”; pela *elocução*, ao pedir a concessão da “capacidade de me expressar com rigor e charme”; e, finalmente, pela *ação*, ao pedir que “aponte o início, / oriente o progresso, / e ajude na conclusão”, seu desempenho na entrega no ensino. Nesta parte, temos também a essência da disposição que cooperará para a “*memória* retentiva”, conforme clama o orador.

Aquino não só pede pelos seus estudos, mas o faz minuciosamente ao descrever cada etapa da elaboração e transmissão do discurso. A relação do filósofo escolástico com os estudos aristotélicos era profunda, conforme posto, e, é refletida, também, nessa sua prece. Embora não esteja na esteira deste capítulo, cabe comentar que, à medida que as petições são proferidas, o caráter, ou seja, o *ethos*²⁷ do orador é tecido no discurso e paixões suscitadas são evidenciadas²⁸, por exemplo, o temor. O orante, submisso, apoia-se na divindade não apenas para elaborá-lo, mas, também, para a desafiadora tarefa de se colocar diante do auditório e expor o fruto de seus estudos.

A oração aquiniana, assim como a oração do *Pai Nosso*, traz o exórdio de exaltação a Deus e uma sequência de petições até chegar à peroração. No entanto,

27 Ethos: “a representação que o orador imprime de si no ato retórico” (Ferreira, 2019, p. 14).

28 Os artigos disponibilizados nos links trazem estudos sobre o ethos e as paixões. Ethos: Disponível em: https://www.blucher.com.br/inteligencia-retorica-o-ethos_9788580394122. Acesso em: 24 ago. 2023. Pathos: Disponível em: https://www.blucher.com.br/inteligencia-retorica-o-pathos_9786555500301. Acesso em: 24 ago. 2023.

essa oração denuncia o arcabouço da formação aristotélica de Aquino, à medida que cada uma de suas petições sobre seu desempenho nos estudos revela, de maneira minuciosa, cada parte do sistema retórico.

Meu Pai celestial: proteja-me nesta noite – Oração de Martin Lutero

Martin Lutero nasceu em 10 de novembro de 1473, em Eilesben, na Alemanha Central²⁹. Foi educado pelos pais no temor a Deus e na prática do bem. Os inúmeros castigos da infância, aplicados tanto pelos seus pais severos quanto pela escola, fizeram com que se tornasse um homem resiliente para enfrentar as lutas que a vida lhe reservou. Foi doutrinado com a ideia de que Igreja era a “Casa do Papa”³⁰.

Aos 18 anos, ingressou na Universidade de Erfurt, Alemanha, e todas as manhãs adotava como prática a oração, que se tornou um lema: “Orar com assiduidade, já é estudar mais que a metade”³¹. Em quatro anos, tornou-se bacharel em Filosofia. Na universidade, teve seu primeiro contato com a Bíblia e, ao lê-la, percebeu que nela constavam ensinamentos para muito além do que era dito nos templos. Em 1505, entrou para o Convento Agostiniano e ordenou-se em 1507. Cumpria, assim, a promessa que fizera a Santa Ana. Em 1512, em Roma, recebeu a outorga de doutor em Teologia. Nesse período, foi convertido, a partir do entendimento de que somente pela fé em Cristo é que poderia se tornar um homem justo e passou, então, a pregar sobre a justificação pela fé e as Escrituras, como única autoridade do pecador para buscar a salvação³².

Em 1517, deu início ao grande marco do protestantismo: afixou 95 teses na porta da Igreja do Castelo de Wittenberg contra a venda da *Indulgência Plenária*, instituída pelo Papa Leão X, a qual traria benefícios a quem as adquirisse como remissão dos pecados, isenção da necessidade de penitência e a libertação de almas do purgatório, quando, na verdade, tinha outra finalidade: custear os divertimentos do pontífice.

Por esse ato, Lutero recebeu duas bulas de excomunhão e seus livros foram lançados à fogueira. Tais fatos foram cruciais para seu rompimento com a Igreja de Roma. Faleceu, em 1546, acometido de extrema fraqueza. Encontrava-se farto do mundo e de si, por tanta perseguição. Foi enterrado na Igreja do Castelo de Wittenberg.

Durante sua vida, produziu muitos escritos. Chegou a ser comparado a dois Pais da Igreja, Agostinho e Aquino, em termos de profundidade teológica.

29 Kunz, 2016.

30 Kunz, 2016.

31 Kunz, 2016, p. 3.

32 Kunz, 2016.

Quando atacou as indulgências, a Palavra de Deus já havia tocado seu coração e já era um reformador. Sua teologia foi bíblica, porque tinha as Escrituras como base: existencial, pois acreditava que a experiência fazia um teólogo; e dialética, uma vez que a verdade só poderia ser alcançada se confrontada com outras verdades. Dentre suas obras que ganharam relevância, estão *Catecismo Maior ou Longo* (1528) e *Catecismo Menor ou Breve* (1529)³³. Neste último, preparado de forma simples, concisa e fácil, consta a seguinte *Oração da Noite*:

Meu Pai celestial, graças te dou por Jesus Cristo, teu amado Filho, por me haveres protegido bondosamente neste dia,
e peço-te que me perdoes todos os pecados e o mal que fiz e me protejas por tua graça nesta noite.

Nas tuas mãos me entrego, de corpo e alma, bem como todas as coisas.

Esteja comigo teu santo anjo, para que o inimigo maligno não tenha poder algum sobre mim. Amém³⁴.

A prece luterana traz no exórdio referência à paternidade de Deus que, como na oração do *Pai Nosso*, é celestial e pessoal, haja vista que há o emprego do pronome possessivo “meu”. A ideia de Deus como o pai provedor do livramento diurno logo no início da oração “haveres protegido bondosamente neste dia” desperta naquele que a profere a receptividade para, com fé, dar continuidade à prece, uma vez que o resultado do dia já foi anunciado e, portanto, pedirá pela noite. Assim, o exórdio da oração luterana é permeado pela gratidão que exalta a Deus devido ao seu poder, capaz de manter o indivíduo seguro, o que gera receptividade e docilidade.

Na parte seguinte, evidencia-se a disposição da oração organizada em petições: “perdoes” e “protejas” e pela justificativa “por tua graça”. Essa composição revela que o clamor é alicerçado na temática da gratidão que provém da confiança. Dessa maneira, o caráter didático da fé é evidenciado ainda mais na progressão do discurso, pois o orante entrega a si e todas as coisas Àquele a quem direciona a sua prece: “Nas tuas mãos me entrego, de corpo e alma, bem como todas as coisas”.

A peroração da súplica também consiste em uma petição, mas de livramento do maligno, assim como na oração do *Pai Nosso*. É importante assinalarmos que Lutero escreveu essa oração com a finalidade de ser ensinada para crianças, o auditório do seu discurso. Por isso, é curta, simples e baseada na confiança e na gratidão a Deus, uma vez que pela instrução da fé teriam apaziguadas paixões, como o temor, assim como na prece de Aquino.

33 Kunz, 2016; Bettenson, 1967.

34 Catecismo menor de Lutero. Disponível em <https://catechism.cph.org/pt/ora%C3%A7%C3%B5es-di%C3%A1rias.html>. Acesso em: 24 jul. 2023.

Deus todo-poderoso: ensina-me a ser como o teu Filho – Oração de John Wesley

Jonh Wesley nasceu em Epworth, Inglaterra, em 28 de junho de 1703, filho de Susana e Samuel Wesley. Quando ainda criança, foi esquecido em um incêndio em sua casa e, ao ser salvo, percebeu que Deus tinha um propósito para sua vida³⁵.

Ordenou-se diácono (1725) e sacerdote (1728) e, desde então, começou a pregar sobre o desprezo das pessoas pelas mazelas da Inglaterra, tanto que Renders (2006) defende que ele desenvolveu uma soteriologia³⁶ social. Ficou conhecido como reformador social.

Em 1729, na Universidade de Oxford, integrou um grupo de estudantes e passou a estudar metodicamente as Sagradas Escrituras. Eram chamados de metodistas por essa razão. O Metodismo surgiu, então, em meio a muitos oprimidos e desassistidos, o que fez sua prédica ganhar adesão uma vez que trazia um sinal de esperança ao povo³⁷.

Em suas pregações, Wesley costumava pregar *ad populum* em uma linguagem simples e sem obscurantismo retórico³⁸, com o fim de levar os ensinamentos divinos tanto aos humildes quanto aos letrados. Nesse sentido, inspirava-se em Lutero, uma das fontes que o ajudou a formar seu pensamento.

Em 1733, em Aldergaste, passou por uma experiência de conversão, momento em que, ao ouvir a leitura do prefácio de Lutero da Carta de Paulo aos Romanos, sentiu seu coração estranhamente aquecido e, foi a partir desse dia, pelos longos 66 anos de pregador, que John Wesley passou a praticar uma religião voltada para salvar almas, sustentada no arrependimento, na santidade e na fé³⁹.

Entre suas obras, há inúmeros sermões, compêndio sobre medicina, cartas com diversos temas - como sobre a defesa da abolição da escravatura - hinos, orações, dentre outros. A seguir apresentamos a sua prece *Mansidão, doçura e resignação*:

Deus todo-poderoso, que deste o teu filho único para nos servir de sacrifício pelo pecado e de exemplo de vida piedosa, dá-me a graça de aprender daquele que foi manso e humilde, a revestir-me de entranhas de misericórdia, de mansidão, ... de longanimidade, por Jesus Cristo nosso Senhor.

Guia-me, Senhor, através de todas as mudanças do mundo, para que em todas as coisas eu tenha uma regularidade e tranquilidade de espírito, para que a minha alma esteja inteiramente resignada à vossa vontade, sem nunca murmurar da vossa

35 Lelièvre, 1997.

36 O termo origina-se da junção das palavras gregas soterias (salvação, libertação de um perigo iminente) + logos (revelação, palavra, discurso, doutrina, raciocínio). Portanto, soteriologia é a doutrina da salvação da alma.

37 Maddox, 2019.

38 Aqui percebemos a retórica vista como ornamento apenas.

39 Maddox, 2019; Reily, 1953.

correção paternal, por Jesus Cristo, nosso Senhor. Mantém os meus olhos fixos em Ti e nas indicações da Tua vontade e providência, para que não me precipite em nada da minha cabeça, para não me colocar fora da Tua proteção. Escutai-me, Senhor, e preparai o meu coração para receber os ditames da vossa infinita sabedoria a meu respeito. Preparai-me sempre para Vossa santa presença e, quer eu viva, quer morra, que eu seja Vosso.

Deus clementíssimo, que tudo ordenais sabiamente e não afligis de bom grado os filhos dos homens, ensinai-me a submeter-me com satisfação a todas as dispensações da vossa providência, por mais contrárias que sejam à carne e ao sangue. Vós conheceis os meios mais seguros de me fazer feliz e sois infinito em bondade e misericórdia. Portanto, que a Tua bendita vontade seja em tudo a minha escolha e satisfação! Que cada perigo me desperte para um sentido vivo do Teu poder, ao qual nada pode resistir, e da Tua bondade, que perdura continuamente; para que, armado com estas defesas, eu possa servir-te tranquilamente com uma mente devota, através de Jesus Cristo, nosso Senhor!⁴⁰

A oração wesleyana, assim como as demais preces analisadas, exalta a figura divina no exórdio, no entanto, o faz com determinação à soberania divina, “todo-poderoso”, e a sua misericórdia ao doar seu unigênito filho em sacrifício. Percebemos, então, que um acordo prévio é estabelecido entre o orador e a sua divindade, pois há uma hierarquia, Deus e o servo, e um modelo de filho a ser seguido: manso e humilde.

É nessa perspectiva, que a disposição da oração é concebida, pois as petições são dirigidas a Deus em tom de contrição e humildade. O orante reconhece sua incapacidade de, por si mesmo, conseguir manter-se no caminho da vontade divina, por isso, pede para ser guiado em meio às mudanças do mundo. Assim, desenvolve a prece em uma sequência de petições: “que eu tenha regularidade e tranquilidade de espírito”, ou seja, paz de espírito; “Mantém os meus olhos fixos em Ti” para não se colocar fora da proteção divina; “Preparai-me sempre para Vossa santa presença e, quer eu viva, quer morra, que eu seja Vosso”; “ensinai-me a submeter-me com satisfação a todas as dispensações da vossa providência, por mais contrárias que sejam à carne e ao sangue”. O orador roga servilmente para que seja capacitado a seguir o caminho divino, até que faz, antes de iniciar a conclusão, uma declaração para aquele que é a sua fonte de força: “Vós conheceis os meios mais seguros de me fazer feliz e sois infinito em bondade e misericórdia”. A confiança é a tônica dessa declaração que faz o rogo, feito anteriormente na oração, ter um significado mais profundo e contrito “que a minha alma esteja inteiramente resignada à vossa vontade, sem nunca murmurar da vossa correção paternal”.

Embora esta oração pareça ter caráter estritamente pessoal, é importante assinalar que Wesley, durante sua trajetória como pregador, preocupou-se dema-

40 Maddox, 2018, p. 54.

siadamente com os problemas sociais, com as transformações da sociedade. Assim, em seus sermões, sempre trouxe, primariamente, o amor como medicamento para a cura das enfermidades desse mundo desordenado, do padecimento e do vício humano. Por crer que santidade interior e exterior caminham juntas, é que afirma que o *spiritus rector* anglicano desenvolveu uma soteriologia social⁴¹, devido à estreita relação entre a religião metodista e a vida cotidiana. Justifica-se, então, na oração, a sua súplica para um guiamento divino que lhe proteja e o conduza para o caminho da retidão.

A peroração da prece volta-se novamente para a exaltação de Deus e proteção, no entanto, o faz a partir da ação e atitude do orador que escolhe uma nova perspectiva de vida: utilizar a bendita vontade e bondade divinas como arma e defesa para uma vida tranquila e devota.

Considerações finais

A disposição nas orações cristãs apresenta particularidades, comparadas a outros discursos. Na oração do *Pai Nosso*, é organizada com exórdio, conjunto de petições, e a peroração. As petições levam, ordenadamente, aquele que ora a direcionar sua perspectiva para determinados aspectos: a Deus, às necessidades materiais, ao relacionamento com a divindade e com o próximo. É, pois, nessa perspectiva, que, de maneira mais sucinta, Guimarães (1987) afirma: “Esta oração tem, num recorte temático, duas partes: na primeira se louva, na trindade de Deus, o pai; e, na segunda, se pedem três coisas: o ‘reino de Deus’, alimento, e perdão pelos pecados, sem o que não se pode alcançar o ‘reino de Deus’”⁴².

A *Oração antes do Estudo*, de Aquino, apresenta no exórdio a exaltação de Deus como o criador e revela na sua disposição uma sequência de petições que denunciam seu conhecimento do sistema retórico. A *Oração da Noite*, de Lutero, assemelha-se muito com a disposição da oração do *Pai Nosso*, pois, além de suas petições e sua peroração permearem temáticas semelhantes, a sequência de petições não se difere.

A súplica wesleyana *Mansidão, doçura e resignação* traz a organização discursiva muito próxima das demais orações analisadas, no entanto, mostra um orador quase que aflito e temeroso, do exórdio à peroração, de se desvirtuar dos caminhos do Senhor.

Então, quando dispostas em sequência, o tema pecado segue um tom gradativo, com menções mais brandas nas iniciais e que se cristalizam na oração wesleyana. Por fim, essa poderia ser uma estratégia argumentativa de um pregador, caso

41 Renders, 2006.

42 Guimarães, 1987, p. 81.

quisesse abordar o tema oração em um sermão, em que deixaria para o momento do apelo um exemplo de oração permeada pelo clamor do livramento do pecado.

É importante frisar que, após nossa investigação e análise das amostras, pudemos vislumbrar que a disposição das orações cristãs pode não apresentar as partes tradicionais da disposição como: a narração, a confirmação e outras que se evidenciam nos discursos de embate. Antes há, nas preces, um tom laudatório, no exórdio, de respeito e de exaltação para dirigir-se a Deus, e, na peroração, de rogo por sucesso, livramento e/ou providência divina. Há exórdio, portanto, em todas as preces, é uma parte fixa nesse discurso, assim como a peroração. Entre o exórdio e a peroração ocorre, nas orações cristãs analisadas, uma sequência de petições que se organizam particularmente de acordo com a temática e o anseio daquele que a profere.

Quintiliano (2016) ao ensinar sobre estruturações, na sua *Instituição Oratória*⁴³, afirmou que o preceptor mostra ocorrências para que, aos poucos, se dominem a prática e a passagem para casos semelhantes. Na disposição das preces cristãs não é diferente, a oração modelo de Jesus ganhou protagonismo no cristianismo e, por isso, podemos vislumbrar resquícios de sua estrutura em diversas orações cristãs no decorrer da história.

Referências

AGOSTINHO, Santo. **A doutrina cristã**: manual de exegese e formação cristã. Tradução por Ir. Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 2002.

ARCHDIOCESE OF SAINT PAUL AND MINNEAPOLIS CATHOLIC CENTER. **St. Thomas Aquinas**: Prayer before Study. 2012. Disponível em: <https://www.archspm.org/faith-and-discipleship/prayer/catholic-prayers/st-thomas-aquinas-prayer-before-study/>. Acesso em: 14 jul. 2023.

ARISTÓTELES. **Metafísica**. São Paulo: Editora Loyola, 2002. Disponível em: https://www.academia.edu/42786618/Metaf%C3%ADsica_Aristoteles_Reale_Bilingue_grego_portugu%C3%AAs. Acesso em: 5 ago. 2023.

BETTENSON, Henry. **Documentos da igreja cristã**. Tradução por Helmuth Alfredo Simon. São Paulo: ASTE, 1967. Disponível em: https://kupdf.net/download/documentos-da-igreja-crist-atilde-henry-bettenson_5912eb3adc0d60306a959e84_pdf. Acesso em: 12 ago. 2023.

BÍBLIA. **Bíblia de Jerusalém**. Português. Nova edição, revista e ampliada. 4. Ed. São Paulo: Paulus, 2006.

CARSON, Donald Arthur; A.; MOO, Douglas J.; MORRIS, Leon. **Introdução ao Novo Testamento**. Tradução por Márcio Loureiro Redondo. São Paulo: Edições Vida Nova, 1997.

CORBETT, Eduard P. J.; CONNORS, Robert J. **Retórica clássica para o estudante moderno**. Tradução por Bruno Alexander. 1ª edição. Campinas, S.P: Kíron, 2022.

FAITANIN, Paulo. Introdução ao Tomismo: Tomás, o Tomismo & os Tomistas: uma breve apresentação. **Cadernos da Aquinate**, n. 11, 2011. Niterói: Instituto Aquinate. Disponível em: <http://www.aquinate.com.br/wp-content/uploads/2016/12/Introducao-ao-Tomismo-cad-11-CORR-ideia.pdf>. Acesso em: 4 ago. 2023.

43 Quintiliano, 2016, p. 175.

- FERREIRA, Luiz Antonio. Inteligência retórica e vocalidade: constituição e manutenção do *ethos*. In: FERREIRA, Luiz Antonio (org.). **Inteligência retórica: o *ethos***. São Paulo: Blucher, 2019. p. 9-23.
- GUIMARÃES, Eduardo. Credo ou creio. In: ORLANDI, Eni Pulcinelli (org.). **Palavra, Fé, Poder**. Campinas, São Paulo: Pontes, 1987. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/268312755/Palavra-fe-e-poder> . Acesso em: 9 ago. 2023.
- HADDAD, Phillippe. **Pai Nosso: uma leitura judaica da oração de Jesus**. 1ª edição. São Paulo, SP: Fons Sapientiae, 2017.
- KARNAL, Leandro. **Religião #1 Em busca de sentido**. In: Prazer Karnel. [19 ago. 2018]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CztqsoWZOQU&t=3s> . Acesso em: 02 jun. 2020. YouTube Canal.
- KUNZ, Claiton André. Martinho Lutero: vida, doutrina e contribuições. **Revista Via Teológica**, vol. 17, nº 34, dez/2016. Faculdade Batista do Paraná. Disponível em: <https://periodicos.fabapar.com.br/index.php/vt/article/view/69/139> . Acesso em: 5 ago. 2023.
- LANCELLOTTI, Angelo; BOCCALI, Giovanni. **Comentário ao evangelho de São Lucas**. Tradução por Antonio Angonese e Ephraim Ferreira Alves. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1983.
- LELIÈVRE, Mateo. **John Wesley: Sua vida e obra**. São Paulo: Vida, 1997.
- LUTERO, Martinho. **Catecismo menor de Martinho Lutero**. Disponível em <https://catechism.cph.org/pt/ora%C3%A7%C3%B5es-di%C3%A1rias.html>. Acesso em: 24 jul. 2023.
- MADDOX, Randy L. **John Wesley's Manuscript Prayer Manual**. 2018. Disponível em: <https://wesleyworks.files.wordpress.com/2018/03/jw-ms-prayer-manual.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2023.
- MADDOX, Randy L. **Graça Responsável: a teologia prática de John Wesley**. Tradução por Elizangela A. Soares. São Bernardo do Campo, SP: EDITEO, 2019.
- MANSER, Gallus. **La esencia del Tomismo**. Traducción de la 2ª edición alemana Valentín García Yebra. Madrid: Imprimatur, 1947. Disponível em: http://www.traditio-op.org/biblioteca/Aquino/La_esencia_del_Tomismo,_Fr_Gallus_Manser_OP.pdf. Acesso em: 3 ago. 2023.
- MORRIS, Leon. **Lucas: Introdução e comentário**. Tradução por Gordon Chown. São Paulo: Edições Vida Nova, 2007. (Série Cultura Bíblica)
- OLIVEIRA, Terezinha. A Escolástica como Filosofia e Método de Ensino na Universidade Medieval: uma reflexão sobre o Mestre Tomás de Aquino. **Notandum**, 32, maio-ago 2013, CEMOrOC-Feusp/IJI-Universidade do Porto. Disponível em: <https://bit.ly/3rCJM6K> . Acesso em: 13 ago. 2023
- PFEIFFER, Charles F; VOS, Howard F; REA, John. **Dicionário Bíblico Wycliff**. Tradução por Degmar Rinas Júnior. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.
- QUINTILLIANO, Marcos Fábio. **Instituição Oratória**. Tomo III. Tradução e notas por Bruno Fregni Bassetto. Campinas, SP: Unicamp, 2016.
- REBOUL, Olivier. **Introdução à retórica**. 2. ed. Tradução por Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- REILY, Ducan A. **A influência do Metodismo na Reforma Social na Inglaterra do Século XVIII**. São Paulo: Junta Geral de Ação Social da Igreja Metodista do Brasil, 1953. Disponível em: <http://bit.ly/3wDua1P>. Acesso em: 12 ago. 2023.
- RENDERS, Helmut. **A soteriologia social de John Wesley: com consideração especial de seus aspectos comunitários, sinérgicos e públicos**. São Bernardo do Campo, SP, 2006, 404 f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Universidade Metodista. São Bernardo do Campo, SP. Disponível em: <http://tede.metodista.br/jspui/handle/tede/392> . Acesso em: 12 ago. 2023.
- STUHLMUELLER, Carrol. **Evangelho de Lucas**. Tradução por Ana Flora Anderson e Fr. Gilberto da Silva Gorgulho. São Paulo: Paulinas, 1975.

